

# A saída sem magia

A INFLAÇÃO brasileira está num patamar perigoso — mas isso não significa que esteja iminente o descontrole que muitos prognosticavam há poucas semanas. E essa relativa tranquilidade deve ser creditada em grande parte à aparente passividade do Ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. Se é que se pode dar o nome de passividade à capacidade de permanecer imperturbável ante toda sorte de pressões.

QUANDO afirma que não acredita em fórmulas mágicas ou soluções fáceis para os problemas da economia, o Ministro reflete uma convicção generalizada na sociedade brasileira. Acontece que o cidadão comum, apoiado em muitos precedentes, temia que o Governo tivesse opinião diferente da sua e, diante da escalada dos preços, partisse para novos congelamentos, confiscos ou drásticas correções cambiais. Isso não aconteceu; e, conseguindo atravessar a turbulência com cabeça fria, as autoridades econômicas fizeram e estão fazendo estoque de uma mercadoria extremamente rara nos dias de hoje: credibilidade.

NÃO tendo ocorrido emissão de moeda em proporção à alta especulativa de preços, houve queda acentuada de demanda, o que estancou a elevação de preços. Diversos setores do comércio estão tendo de recorrer a promoções, com os mais variados tipos de desconto, para não correrem o risco de passarem os últimos meses do ano — quando normalmente ocorre o maior volume de vendas — com estoques encalhados.

ESSE movimento já se reflete nos índices. Os primeiros cálculos indicam números abaixo daqueles que foram projetados para a inflação. Nos ativos financeiros, a especulação arrefeceu. Tanto assim que, no recente leilão de títulos públicos do Banco Central, houve procura acentuada de papéis indexados em cruzeiros, e quase nenhum dos que seriam indexados em dólar.

DE qualquer forma, o Brasil precisa de uma trégua até que as medidas de caráter estrutural comecem a gerar estabilização de preços. O programa de privatização é peça chave nesse processo, pois está contribuindo para a redução da dívida do

setor público e conseqüente diminuição dos encargos que hoje oneram o Tesouro, direta e indiretamente. Ao mesmo tempo, os investidores estão trocando ativos financeiros por bens reais. Para recuperarem o capital aplicado, terão de partir em busca de novos negócios para as empresas privatizadas — com efeito positivo sobre a arrecadação de impostos.

A AGUARDADA reforma fiscal abrangente é também fundamental para a estabilização, pois o setor produtivo não tem condições de se tornar competitivo com o emaranhado de impostos e tributos que hoje pesa sobre seus ombros. O acordo com o Fundo Monetário Internacional e, a seguir, com os credores privados, é a outra meta a atingir, visando a neutralizar foco permanente de pressão sobre as contas externas do País.

O QUE mais importa é perseverar na estratégia de liberalização da economia brasileira. E o desprezo pelas soluções dramáticas e pelos grandes pacotes encaixa-se à perfeição nessa estratégia.